

O movimento operário em Lourenço Marques 1910-1927

José Capela

A partir dos finais do século passado, e até cerca de 1927, desenvolveu-se em Moçambique, mais propriamente em Lourenço Marques, o que pode dizer-se um genuíno movimento operário, com manifestações susceptíveis de despertarem a atenção, e exigivas de uma investigação daquilo que não deixa de apresentar-se como elemento indispensável à compreensão desse período. Período que é um tempo histórico nevrálgico relativamente à implantação definitiva do sistema colonial naquela parte de África.

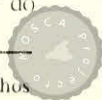
Foi em 1892 que começaram a surgir, em Moçambique, as primeiras grandes companhias, as majestáticas e outras, com o capital internacional de que eram a implantação local. Arrancavam os primeiros aglomerados urbanos, Lourenço Marques e Beira, à sombra do desenvolvimento dos portos e caminhos de ferro respectivos e, na segunda destas duas cidades, a Companhia de Moçambique lançava as bases do que haveria de ser o desenvolvimento, com ocupação europeia, dos territórios de Manica e Sofala. Não obstante o carácter predominantemente especulativo com que as administrações europeias de tais companhias se prevaleciam para remuneração dos capitais realizados.

Na Zambézia, era a Companhia do mesmo nome e todas as outras que se lhe sucederam, a ocuparem, com as plantações, o mais e o melhor de um ubérrimo território,

dando vida nova aos antigos prazos da coroa. E foi em 1895 que surgiu, em Lourenço Marques, a primeira associação de classe de Moçambique e também uma das primeiras de toda a África: A Associação de Classe dos Empregados do Comércio e Indústria. Certamente que com carácter mais de mutualidade e de recreação, mas afirmadamente associação de classe.

Ainda antes de proclamada a República, mais precisamente em 1907, surgiria o primeiro periódico de cariz operário, feito por trabalhadores e especialmente dirigido a assalariados, o bissemanário «Vida Nova». Este terá sido o primeiro de uma série de periódicos genuinamente operários que se sucederam em Lourenço Marques paralelamente com as associações de classe, entretanto multiplicadas. Extinto um nas dificuldades criadas pela fragilidade do movimento operário local e nos problemas criados pela luta de classes, ténue embora, outro surgia, transitando os militantes de título para título enquanto alimentavam a constante da defesa dos direitos do trabalho perante o capital, não obstante as ambiguidades e contradições em que se viam envolvidos e a evolução das opções políticas por que passaram alguns deles.

Foi assim que ao jornal «Vida Nova» sucedeu, em 1911, «Os Simples», publicado até 1913 e que se dizia saído da greve do



peçoal dos eléctricos ocorrida naquele mesmo ano. Extinto, ao que parece por dificuldades financeiras, é substituído, em 1914, por «O Germinal» que, tal como o anterior, se afirmava expressamente «jornal operário». Saiu a público até 1918, quando a penúria material e humana obrigou à sua suspensão que foi, também, a sua extinção. Em finais de 1919, porém, surgiu «O Emancipador», dito «socialista» mas que, em 1924, viria a ressurgir como «semanário operário». Passando pelas maiores vicissitudes, publicarse-ia até Julho de 1937, data em que foi definitivamente suspenso. Foram estes jornais que animaram o movimento operário em geral, em Lourenço Marques, o associativismo de classe e algumas das greves desencadeadas, em especial.

Além da Associação dos Empregados do Comércio e Indústria, com vida intensa ou anódina, existiram ao longo das duas primeiras décadas do século, as associações de classe do Pessoal do Porto e Caminhos-de-Ferro de Lourenço Marques, dos Metalúrgicos, dos Trabalhadores da Construção Civil, dos Funcionários Cívicos, dos Chauffeurs, dos Gráficos, do Pessoal dos Eléctricos, além da

Casa dos Trabalhadores e do chamado Sindicato Geral e outras uniões interprofissionais que, em momentos de crise, procuraram ser motor do movimento operário. Na Beira existiu a Associação do Pessoal da Companhia de Moçambique.

A vitalidade deste movimento operário torna-se patente, igualmente, através das greves que se desenvolveram em Lourenço Marques, na Beira e no Niassa. Em 1911 e 1920, do pessoal dos eléctricos; 1917, 1920 e 1925, dos ferroviários; 1919, do pessoal da Casa Le May; 1920, dos alfaiates; 1921, do pessoal da Casa David George; 1924, do pessoal da Companhia do Niassa; 1925, do pessoal da Companhia de Moçambique.

Natureza e carácter do movimento

A primeira questão que se põe, naturalmente, perante estes dados de facto, é a de saber da natureza e do carácter deste movi-



Panorama de Lourenço Marques (actual Maputo) no começo do nosso século, quando era ainda um pequeno entreposto comercial.



mento operário. Antes de mais, torna-se necessário esclarecer que se trata de um movimento operário animado por sindicalistas e militantes portugueses, provenientes do Portugal continental, a Metrópole colonial de então, de onde, e pelos mais diversos motivos, incluindo os da perseguição política, tinham emigrado para Moçambique.

Este movimento nada tem a ver com a realidade sociológica africana e nem sequer abarca o proletariado africano, em vias de formação. É, por isso mesmo, fecundamente ilustrador do grau de desenvolvimento das forças produtivas locais, quando o moderno capitalismo financeiro, industrial e de plantações dava os primeiros passos em Moçambique. Do ponto de vista ideológico, reproduzia, em Moçambique, e à escala reduzida, o que se passava em Portugal. Um movimento operário, portanto, que se transferia paralelamente ao capital em implantação colonial. Assumindo ele mesmo a sua condição de colonial, ao ignorar a nova e distinta realidade com que se defrontava e ao manter-se dentro dos varais estreitos que lhe punha a reprodução miniatural do movimento operário metropolitano. Essa foi, certamente, a maior contradição com que se debateu e condição da sua ineficácia e da sua morte definitiva às mãos do Estado Novo.

★

Não há dúvida, de harmonia com a documentação disponível, de que os sindicalistas mais conscientes e activos em Lourenço Marques, até 1927, se reclamavam de anarquistas e libertários. Havia-os, também, que antepunham a quaisquer outras a sua qualidade de republicanos, de socialistas e de socialistas revolucionários. Alguns, conforme as circunstâncias, davam-se a si mesmas, sucessivamente, todos esses atributos e passaram quer pelas associações de classe, quer pelo Centro Socialista Revolucionário (ou simplesmente «Centro Socialista»), pela Casa dos Trabalhadores e pela Imprensa Operária. Mas nenhum dos militantes mais notórios surge nos Centros Republicanos, facto alegadamente devido ao carácter tipi-

camente burguês destes. Se bem que as associações operárias de classe se tivessem, por vezes, aliado aos Centros Republicanos em acções comuns de frentes anti-reaccionárias e eleitorais, Os sindicalistas mais em evidência, quando se afirmavam republicanos, faziam-no com o pressuposto de atitude contra a restauração da monarquia e mantendo distância relativamente à burguesia republicana. Quando, em Agosto de 1915, se fizeram diligências para a união de todos os centros políticos da cidade em um só, *O Germinal* (31 de Agosto), afirmando haver dois grupos principais de republicanos, concluía não poderem os socialistas e os libertários fazerem parte da união republicana projectada porque lho não permitiam os seus princípios. Defendia, então, para eles, a formação do que chamava a Liga Liberal, tudo indicando que, na sua expressão, liberal era sinónimo de libertária. De facto, os operários organizados e conscientes de Lourenço Marques, nas décadas de 10 e 20, mantiveram-se numa atitude bastante oscilante de adesão aos princípios do Partido Socialista Português e quando neste se pôs a questão da participação ou não num governo republicano, seguiram os socialistas do Norte do País que defendiam a abstenção. Se, localmente, vieram a apoiar um candidato socialista a eleições legislativas, acabaram sempre a evidenciar a sua fé anarquista. Perante a revolução de Outubro e o aparecimento do Partido Comunista Português, tal como os seus pares em Portugal, mantiveram-se hesitantes. Jámais deixaram de emprestar o seu modesto apoio à revolução e, na esteira de *A Batalha*, procuraram rebater o noticiário desfavorável da restante imprensa, no seu jornal, que era, então, *O Emancipador*. Aliás, a revolução, a avaliar pela maneira como a ela se referiram, representou um estímulo para os seus ideais e para a sua militância.

Em Março e Abril de 1920, foram publicados em *O Emancipador* três artigos especialmente elucidativos sobre a mentalidade dos elementos preponderantes no meio operário local. Um assinado com o pseudónimo de «Foger», e os outros por João Vás (pseu-

